

A Linha Maginot ou o Forte Apache? Utilizando Fortes para Moldar o Campo de Batalha de Contra-Insurreição

Tenente-Coronel (Res) Geoffrey B. Demarest, Exército dos EUA, PhD, J.D. e
Tenente-Coronel (Res) Lester W. Grau, Exército dos EUA

É um fato incontestável que nenhuma fortaleza, por melhor localizada, por mais fortemente guarnecida e por mais onerosamente construída que seja, nunca garantiu uma segurança permanente a um Estado. Na realidade, raramente forneceu até mesmo uma proteção temporária. Além do mais, uma fortaleza, uma vez investida, é destinada a sucumbir; a não ser que o reforço de um exército de campanha consiga quebrar o cerco. Na história de uma geração lemos sobre a fortaleza “virgem” de Ingoldstadt ou de Metz, porém quando pesquisamos nas anotações da geração posterior, descobrimos que seu orgulho foi consumido pelas cinzas.

Em algumas circunstâncias, um forte muito pequeno localizado numa posição bem-escolhida pode confundir o gênio de um general.

— T. Miller-Maguire¹

NA TRANSIÇÃO do Século XIX para o Século XX, um escritor militar profícuo e conhecido, T. Miller-Maguire, menosprezou a mentalidade das fortificações francesas, citando a inutilidade das suas fortificações ao norte durante o Século XIX. Em 1899, ele criticou os esforços franceses nas Ardenas, bem antes dos fracassos dessas fortificações durante as I e II Guerras Mundiais.

Maguire não foi o único. As fortalezas e as demais obras de fortificações de campanha têm uma péssima reputação entre os generais experientes e os historiadores militares. As gerações que sucederam Maguire viram a Linha Maginot ser desbordada e o famoso forte de Eben Emael facilmente conquistado pelos pára-quedistas alemães, concluindo que as fortificações são caras, rapidamente tornam-se obsoletas e são facilmente desbordadas ou capturadas. Além do mais, as tropas guarnecidas nas fortificações estão suscetíveis ao pensamento defensivo e à timidez. A mentalidade ofensiva e a habilidade de manobrar são preferíveis à indecisa e prolongada guerra de fortificações.

Mesmo assim, as fortificações têm servido em certos contextos estratégicos e não devem ser abandonadas como um elemento contribuinte no planejamento estratégico militar, em ambos os casos de defensiva ou de ofensiva. Nos séculos XVI e XVII, os fortes da Europa continental estavam posicionados de tal maneira que, se um invasor não os conquistasse, as guarnições dessas fortalezas atacariam suas linhas de comunicações, retraindo-se em seguida.² Os fortes estavam localizados, nem tanto para a proteção da área onde estavam construídos, mas como parte de uma estratégia maior de defesa em profundidade. Serviam também para os objetivos expansionistas

ao estender e proteger as linhas amigas durante avanços estratégicos. Até Maguire, que geralmente concordava com os generais que desprezam as fortificações, salientou uma exceção para as “obras desenvolvidas para enfrentar as exigências da guerra irregular...”³

As fortificações integram uma estratégia ofensiva de contra-insurreição e podem aumentar a probabilidade de êxito nas operações ofensivas amigas, especialmente quando posicionadas para interromperem as linhas de comunicações do inimigo. Localizadas corretamente, contribuem para um êxito ofensivo ao bloquear as linhas de retirada do inimigo, encurtando o seu raio de ação; e alongar o das forças amigas, melhorando o seu reabastecimento. As fortificações posicionadas cuidadosamente podem moldar um campo de batalha vitorioso numa guerra irregular.

Os fortes foram construídos para reforçar as fronteiras, servir de bases avançadas para as operações ofensivas, controlar as linhas de comunicações, os desfiladeiros e os grandes centros populacionais, economizando meios e liberando tropas para constituírem parte de uma reserva móvel ou força de assalto. Nesse aspecto, as fortificações têm ocupado os principais lugares geográficos, controlando a circulação, a política e a economia das nações. Apesar do ceticismo, com frequência os fortes cumpriram admiravelmente o seu intento. Um dos primeiros exemplos americanos é a contribuição do Forte McHenry à defesa de Baltimore durante a Guerra de 1812. Hoje, essas antigas e imensas obras defensivas são curiosidades militares e patrimônio cultural, mas o seu encantamento não deve cegar os atuais planejadores militares do papel viável e vital que as fortificações ainda possam desempenhar. Outra citação de Maguire reforça a idéia: “Uma vez que o leitor entende que cumprir as tarefas de soldado e combater não são sinônimos; que durante uma campanha os combates são ocasionais enquanto a marcha é constante; que antes de entrar na batalha, um general deve ser cuidadoso para assegurar sua linha ou linhas de retraimento; ele compreende se os princípios dominantes de estratégia foram ou não atendidos. Um general, cuja via de retraimento para o seu território ou para a sua base é ameaçada ou interdita por uma força superior, será destruído ao ser derrotado. Todavia, um general, cujas linhas de comunicações estão

asseguradas, não será destruído, mesmo se sofrer uma derrota, podendo retrair, recrutar soldados, reabastecer suas tropas e recomeçar a lutar, com uma boa possibilidade de sucesso.”⁴

Para o estudioso do Século XXI, a definição de Maguire pode parecer mais como a arte operacional do que como estratégia, mas a idéia é clara e se aplica para todos os comandantes — incluindo os líderes das guerrilhas. Seja qual for a natureza especial de guerra irregular ou de guerrilha, os princípios militares clássicos ainda possuem alguma influência. O líder guerrilheiro não deve permitir que suas linhas de comunicações, especialmente suas linhas de retraimento, sejam cortadas. O comandante que combate contra uma insurreição deve determinar se o posicionamento e a arquitetura de suas fortificações e áreas fortificadas consideram as linhas de comunicações do inimigo (ou apenas as amigas). Suas fortificações são localizadas para moldar um campo de batalha, aumentando a probabilidade de uma derrota insurreta? Ou elas são posicionadas apenas para proteger as linhas de comunicações amigas? Pior ainda, são localizadas somente para proteger os alvos altamente compensadores? Se as fortificações são planejadas apenas para proteger alvos econômicos vulneráveis, como oleodutos, a história sugere que fracassarão no final, mesmo que o fortalecimento de alvos possa ser indispensável num futuro imediato. Se o plano de fortificação girar em torno da proteção da força e do controle das linhas de comunicações amigas estabelecidas, as fortificações podem ser imediatamente úteis, mas deixam de contribuir para uma maior estratégia ofensiva.

O venerável Manual de Pequenas Guerras dos Fuzileiros Navais dos EUA, publicado em 1940 e baseado principalmente nas experiências dos EUA nas Filipinas e na América Central, recomenda que bases avançadas fortificadas sejam estabelecidas para proporcionar apoio logístico às colunas que estão se movendo do litoral para o interior.⁵ Depois que uma área estiver liberada dos principais grupos hostis, o próximo passo será estabelecer bases avançadas amigas e postos fortificados no interior, para a execução da próxima fase — a operação de “colunas móveis” para o interior.⁶ As funções particulares de um posto fortificado são:

- proteger as áreas produtivas e as linhas de comunicações com seus mercados;

Departamento de Defesa



O novo refeitório recentemente reforçado com protetores laterais para propiciar mais segurança aos soldados, fuzileiros-navais e marinheiros durante suas refeições (Iraque, 4 de julho de 2005).

- proteger a população local; e
- estabelecer uma base de abastecimento, descanso, reacomodamento e informações para as colunas móveis.

Freqüentemente... será percebido que as condições justificam a construção de um posto fortificado completamente diferente...⁷

O Manual dos Fuzileiros Navais prioriza o emprego de fortificações para apoio logístico à força ofensiva, em detrimento à interdição das linhas de comunicações do inimigo, dada a difícil identificação da linha de retraimento e de reabastecimento dos insurretos.

Por muito tempo, a doutrina de contra-insurreição dos britânicos e dos EUA percebeu a necessidade de separar os insurretos das fontes de abastecimento e recrutamento.⁸ Alcançar essa meta tem sido freqüentemente mais uma questão de preparação social, legal e psicológica do que física e geográfica. É um desafio identificar precisamente as linhas de comunicações físicas dos insurretos. Mesmo assim, isso é possível. A primeira tarefa é dividir o campo de batalha em compartimentos que possam ser controlados. A próxima etapa é conduzir um censo completo e realizar o trabalho cansativo de identificar e registrar a população inteira. Finalmente realiza-se os registros de bens imóveis e o estabelecimento de

diagramas que interligam famílias, negócios e outras associações.

Estudos como análises padrão-ligação, catalogações geográficas e matrizes de associação, especialmente nos ambientes urbanos complexos, revelarão bases, caminhos, divisões territoriais e rotas físicas dos grupos individuais de insurretos.⁹ Baseado nessa inteligência, os pontos-chave emergirão onde os insurretos podem estabelecer novas comunidades, transferir as propriedades e reorganizar-se em instalações amigas.

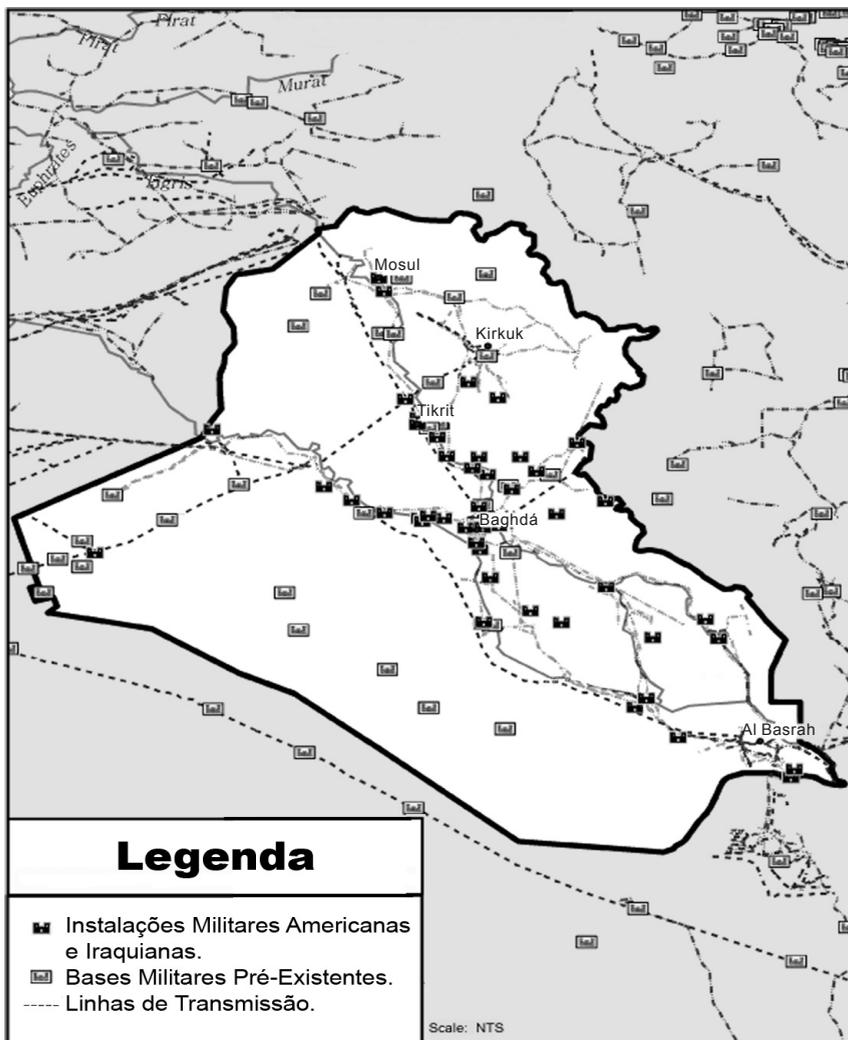
O artigo “Bloqueando o Corredor das FARC”, publicado no jornal *El Tiempo*, salienta um aspecto significativo da estratégia progressivamente bem-sucedida da contra-insurreição do Governo Colombiano contra uma organização guerrilha.¹⁰ Na Colômbia, muitas delegacias policiais fortificadas novas estão sendo estabelecidas ao longo das conhecidas linhas de comunicações da guerrilha. A presença da polícia serve para neutralizar o isolamento e a marginalização das comunidades rurais, que são afetadas pelos conflitos internos, bem como para aumentar o alcance operacional das forças militares amigas ao armazenar os suprimentos. O raciocínio é valer-se da novas delegacias para moldar o campo de batalha colombiano, confundindo o reabastecimento da guerrilha e fazendo com que suas rotas de fuga

sejam mais arriscadas diante da perseguição pelas Forças Armadas Colombianas. Em outras palavras, enquanto as delegacias policiais ajudam a proteger e a servir as comunidades afastadas, seu lógico posicionamento geográfico estratégico faz parte de um plano militar ofensivo, não simplesmente da defesa de vilas ou da infra-estrutura.

A lógica militar adota uma postura ofensiva valendo-se da geografia compartimentada da Colômbia bem do apoio mútuo entre a polícia e as Forças Armadas. A polícia, prevendo que atrairia os ataques das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), adequadamente fortificou as delegacias. Analogamente, o alto comando do governo está consciente de que essas delegacias são vulneráveis a um eventual ataque devastador, a não ser que reforços possam ser enviados em tempo oportuno — dependendo das características

físicas do forte, bem como da qualidade de poder de fogo que a força guerrilheira possa empregar.

A guerra de fortificações na Colômbia abrange muitos tipos de terreno, incluindo a selva densa. Perseguindo as FARC para dentro a selva, as forças governamentais encontraram muitas fortificações bem camufladas que protegiam os laboratórios de drogas e as linhas de comunicações. Agora, o governo invade essas posições porque as FARC já não são capazes de enviar reforços suficientes em tempo oportuno. Uma vez que as tropas do governo tomam uma fortificação das FARC, frequentemente a ocupam — a não ser que seja muito perigoso devido às substâncias químicas relacionadas às drogas — para cortar as linhas de comunicações inimigas. À medida que os postos da selva vão sendo conquistados, o



As instalações americanas no Iraque e as principais linhas de transmissão e suprimento.

governo obtém maior vantagem estratégica.

No Paquistão, o governo estabeleceu uma dúzia de pequenos fortes com cerca de 60 postos avançados para ajudar a controlar a fronteira afegã, junto à localidade de Chaman. À semelhança da Colômbia, esses postos paquistaneses servem para proteger as linhas de comunicações amigas, bem como para estender o controle do governo às áreas remotas. Esses pontos fortes foram concebidos para conduzir operações ofensivas a fim de libertar a área dos Tabibãs e outras forças guerrilheiras, estendendo-se ao longo das linhas de comunicações inimigas. Embora as situações militares colombianas e paquistanesas sejam bastante diferentes, as duas efetivamente incorporam pequenas fortificações semi-permanentes nas suas estratégias militares pró-ativas.

As fortificações podem ser permanentes ou temporárias. Podem ser grandes prédios comerciais ou governamentais ultramodernos ou uma instalação improvisada de arame farpado com uma torre de observação e um centro de comunicações. Podem servir para economia de força, controle de tráfego ou proteção da guarnição. Também, podem ser usadas como partes de uma rede de fortificações que moldam o campo de batalha para interromper o movimento inimigo, fragmentar seus bairros e refúgios, forçando-o a abandonar áreas essenciais. O importante é a localização, a localização e a localização!

O mapa mostra as fortificações do ex-regime iraquiano e dos EUA em relação aos oleodutos, linhas de alta tensão e rede de estradas principais. Observe que a configuração das instalações fortificadas americanas é linear, enquanto a distribuição das fortificações do ex-regime iraquiano é em rede. Parece que a localização de instalações fortificadas corresponde à existência de um alvo econômico vulnerável (em particular, oleodutos) e instalações já disponíveis (campos de aterrissagem e palácios). Embora isso seja lógico e normal, o mapa também sugere que a colocação das fortificações do ex-regime iraquiano era mais apropriada para o controle interno; quer dizer, para combater os desafios internos potenciais bem como proporcionar a defesa em profundidade contra ataques externos. As posições fortificadas dos EUA não parecem uma parte integral de um plano estratégico ofensivo abrangente com base na geografia da logística e na fuga dos insurretos e, a longo prazo, pode representar uma oportunidade perdida.

O Apoio de Inteligência para a Localização das Fortificações

Geralmente os comandantes de contra-insurreição enfocam a coleção de informações táticas na procura de guerrilheiros, homens bombas e atiradores de morteiros inimigos, que ameaçam as tropas amigas, mas esses militantes terrestres são de fácil substituição para um inimigo insurreto. Por outro lado, os principais atores internacionais e pessoas de dinheiro são os que patrocinam a insurreição. As operações de informações e ações contra esses alvos são louváveis, mas podem ter efeitos limitados na batalha de contra-insurreição imediata. Frequentemente, a inteligência estratégica e operacional que identifica a infra-estrutura logística insurreta no teatro não é

completa. Para ter relevância geográfica e, portanto, militar, a inteligência deve localizar os melhores lugares para as fortificações amigas, mesmo que nenhum forte seja construído nesse local.

A inteligência operacional pode identificar o território, a organização, a estrutura logística, as linhas de comunicações, as fortalezas e os refúgios dos guerrilheiros. As fortificações podem então ser localizadas onde sejam efetivas e defendidas. Uma posição num vale rodeado por montanhas provavelmente não é uma boa escolha; nem tampouco uma delegacia de andar térreo localizada no final de um beco sem saída num bairro de prédios altos. As fortificações bem-colocadas dominam seus arredores e permitem desdobramentos rápidos em muitas direções. Obviamente, não é o prédio, mas as forças que protege que têm que ser capacitadas pela localização para interromper a habilidade da guerrilha para mover-se, concentrar-se e transportar. As melhores fortificações são localizadas e construídas considerando-se a facilidade para defender, reforçar e lançar ataques de surpresa, incursões e contra-ataques. Às vezes, as fortificações são necessárias para apoiar um sistema de pontos de controle e também as operações ofensivas. Como os fortes, os pontos de controle funcionam melhor como uma rede planejada para moldar o campo de batalha.

A finalidade das fortificações numa contra-insurreição é:

- proporcionar a capacidade de rapidamente fechar um distrito e setores de tamanho razoável, impedindo as entradas e saídas durante o cerco e vasculhamento do setor;
- melhorar a capacidade das forças legais para se moverem rápida e desimpedidamente pela área;
- propiciar ou manter o acesso à eletricidade, combustível, água e alimentação, bem como serviços médicos, de esgoto, de coleta de lixo e prevenção e combate a incêndios;
- separar e isolar os elementos suspeitos da população em geral;
- proteger e auxiliar as patrulhas e comboios;
- dominar, desorganizar e desacreditar a insurreição;
- mostrar a força e a presença permanente do governo legal e seus aliados;
- proteger as principais vias de circulação; e
- apoiar as redes de pontos de controle, tanto os fixos como os móveis.

Em um ambiente urbano, as fortificações bem-colocadas, combinadas com infra-estrutura normal da cidade, tais como as auto-estradas, túneis, pátios ferroviários, rios, blocos de fábricas e muros, podem cercar, canalizar e filtrar os movimentos. A idéia não é encher uma cidade com fortificações, apenas o suficiente para manter o controle, liberando uma reserva para cumprir outras missões, tais como cerco e vasculhamento. As fortificações (e no ambiente urbano a maioria dessas será delegacias policiais) devem proporcionar controle, informações e facilidade de ação para a força amiga, negando-as ao inimigo. Se não proverem isso, provavelmente deverão ser fechadas e transferidas.

Historicamente, os governos das cidades têm dominado suas populações por meio da burocracia, lei, religião e educação, por meio do:

- controle do acesso às mercadorias;
- segregação em áreas designadas das castas, raças, classes e negócios propensos a distúrbios;
- controle do movimento para e no interior dos bairros e centros importantes;
- controle dos serviços essenciais; e
- manutenção de um sistema de recompensas e punições para seus cidadãos.¹¹

Esses aspectos da estrutura de controle podem auxiliar a missão militar e policial. Muitas cidades têm reconstruído seus centros-chave para incorporar a estrutura de controle. Embora pareça melhorar o acesso a uma área, na realidade essa estrutura permite que um elemento de segurança controle ou impeça tal acesso. Muitas desses centros urbanos são independentes, tendo seu próprio sistema de água, alimentação e eletricidade.¹²

Embora a localização seja a primeira, mais crítica e clássica questão para o planejamento numa estratégia de contra-insurreição, as fortificações nas grandes áreas urbanas devem considerar os principais elementos de planejamento e controle da arquitetura urbana. Além disso, há muitas tecnologias de última geração que podem contribuir para a eficácia de um forte urbano. Por exemplo, a televisão de circuito-fechado é uma realidade na maioria das cidades européias, japonesas, canadenses e norte-americanas. A televisão de circuito-fechado monitora as áreas de alto tráfego, áreas de crime elevado, cais de embarque e desembarque isolados, terminais de passageiros, vitrines de lojas, estacionamentos etc. O cidadão norte-ame-

ricano urbano comum pode aparecer numa tela de televisão de circuito-fechado sete vezes ao dia. Esse número pode ser aumentado pelas câmaras automáticas controladoras de velocidade e dos semáforos. As televisões de circuito-fechado anotam as atividades que são importantes para as missões militares e policiais, devendo ser instaladas em toda a área urbana, começando com os lugares de alta-incidência e as instalações mais importantes. As televisões de circuito-fechado e outros sensores, montados em prédios, veículos, robôs, ou até em balões cativos, proporcionam cobertura semipermanente nas áreas urbanas e até as áreas rurais mais afastadas. A fortaleza urbana provê um lugar seguro para guardar ou monitorar vários sensores eletrônicos.

A Visão Operacional

A viabilidade das linhas de comunicações e das instalações logísticas sempre é de grande interesse para a arte operacional. As linhas de comunicações precisam ser mantidas para o reabastecimento e um eventual retraimento. A guerra de guerrilha pode ser conduzida principalmente no nível tático, mas a logística e o movimento ficam no nível operacional — para todos os participantes. As forças de guerrilhas têm que manter o acesso à sua logística, fortificações, esconderijos de armas, hospitais e refúgios, internamente e em países vizinhos. Quando as linhas de comunicações dos guerrilheiros são interrompidas, suas restrições táticas aumentam, diminuindo-lhes a probabilidade da vantagem tática em qualquer encontro. Um sistema de fortificação de contra-insurreição que enfoque exclusivamente a proteção da força ou dos alvos econômicos pode perder uma oportunidade. O melhor sistema de fortificações é um planejado para criar vantagens operacionais, interromper os movimentos operacionais e logísticos dos guerrilheiros, moldar o campo de batalha, ser uma parte da ofensiva e desorganizar o guerrilheiro.

Os fortes não são novos e, talvez por essa razão, sejam ignorados nas recentes considerações militares de mudança tecnológica. Os livros *Low-Intensity Conflict and Modern Technology*, por David J. Dean e *LIC in 2010*, por Rob Paschall, caracterizam as abordagens dos EUA à guerra de contra-insurreição.¹³ Dean e Paschall discutem sobre aeronaves leves, armas nuclea-

res (mesmo nas guerras de baixa intensidade), lasers, simuladores e métodos de treinamento, mas não mencionam explosivos improvisados, minas terrestres antipessoal nem as tecnologias organizacionais associadas com os seqüestros. Esses livros refletem um desejo americano de usar a tecnologia para ajudar a resolver problemas militares. Contudo, da mesma forma que os autores tiveram uma compreensão errada dos aspectos centrais do ambiente de ameaças, também ignoraram uma importante resposta tecnológica. Frequentemente, as insurreições realizam várias formas de acordos políticos e econômicos. Raramente baseiam-se apenas em ações militares, e sem dúvida nunca aplicam uma só tecnologia. As fortificações podem ser parte de um esforço de contra-insurreição militar e policial, mas outras partes incluem uma burocracia eficaz, inteligência efetiva, adestramento militar e policial relevante, relações civil-militares estáveis, forma de governo legítima e vontade política.¹⁴

Um bom plano de fortificações pode contribuir para o êxito da contra-insurreição, mas a fortificação também pode apresentar outras vantagens fora do conteúdo das operações militares. A demonstração de força decisiva e oportuna é facilmente entendida e pode ajudar a minimizar os riscos do emprego dessa força.¹⁵ Por isso, às vezes um pouco de intimidação é bastante

útil para conquistar o respeito e conduzir uma contra-insurreição com êxito. Os fortes podem oferecer a demonstração de força necessária. As fortificações estabelecidas também permitem que os contingentes estrangeiros participem da estratégia da coalizão, sem a exposição política de uma ação ofensiva direta. Enfim, os prédios fortificados podem ser construídos para usos múltiplos, por isso as estruturas não precisarão ser destruídas após o êxito final da estratégia.

Conclusão

Devido às redes de fortificações poderem contribuir para uma contra-insurreição ofensiva, os engenheiros militares devem reexaminar a estrutura de fortificações e controle, os formuladores de doutrina devem verificar onde a literatura doutrinária é carente dos fortes, os oficiais de inteligência devem fazer análises geográficas para a localização adequada de fortificações e apoiar os engenheiros e as organizações policiais devem considerar as exigências de guarnecimento e abastecimento necessárias para uma estratégia de fortificações. Ao analisar as localizações das posições fortificadas, o estrategista de contra-insurreições deve perguntar a si mesmo: “se não estivermos interditando as linhas de comunicação do inimigo, o que estaremos fazendo?” **MR**

Referências

1. MILLER-MAGUIRE, T., *Military Geography* (Londres: C. J. Clay & Sons, 1899), pp. 184, 186.
2. Ver DUFFY, Christopher, *Siege Warfare: The Fortress in the Early Modern World 1494-1660*. (Nova York: Routledge, 1979).
3. *Ibid.*, 216.
4. *Ibid.*, 21.
5. Manual de Pequenas Guerras dos Fuzileiros Navais dos EUA de 1940, (*U.S. Marine Corps, Small Wars Manual, 1940*) (Washington D.C. U.S. Government Printing Office, reimpressão em Manhattan, Kansas: Sunflower University Press, sem data), pp. 3-3, 3.
6. *Ibid.*, 5-8, 6.
7. *Ibid.*, 5-11, 9.
8. Ver, por exemplo, NAGL, John A., *Counterinsurgency Lessons from Malaya and Vietnam* (Westport, Connecticut: Praeger, 2002), p. 71, citando o conhecimento do General Sir Harold Briggs na sua campanha de contra-insurreição durante a Emergência Malaia.

9. GRAU, Lester W., “Something Old, Something New: Guerrillas, Terrorists, and Intelligence Analysis,” edição em inglês de *Military Review* (Jul-Ago 2004), pp. 42-49.
10. PASTRANA, Jorge Luis Duran, “Bloque a corredores de FARC”, *El Tiempo*, 4 mar 2004, pp. 2-4.
11. GRAU e DEMAREST, Geoffrey, “Diehard Buildings: Control Architecture – A Challenge for the Urban Warrior,” edição em inglês de *Military Review* (Set-Out 2003), p. 33.
12. GRAU e KIPP, Jacob W., “Urban Combat: Confronting the Specter,” edição em inglês de *Military Review* (Jul-Ago 1999), p. 16.
13. DEAN, David J., *Low Intensity Conflict and Modern Technology* (Maxwell Air Force Base, Alabama: Air University Press, 1986), PASCHALL, Rob, *LIC 2010: Special Operations and Unconventional Warfare in the Next Century* (Washington, D.C.: Brassey’s, 1990).
14. GWYNN, Charles W., *Imperial Policing*, 2ª edição (London, MacMillan, 1939), p. 381.
15. *Ibid.*, 181.

O Tenente-Coronel (Res) Geoffrey B. Demarest é analista latino-americano do Escritório de Estudos Militares Estrangeiros no Forte Leavenworth, Kansas. Possui o título de Bacharel pela University of Colorado, o de Mestre e de Ph.D pela Escola de Graduados de Estudos Internacionais da Denver University, o de Doutor em Jurisprudência pela Escola de Direito da Denver University. Possui ainda o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA (ECEME/EUA). O Tenente-Coronel Demarest já desempenhou várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA e na América Latina.

O Tenente-Coronel (Res) Lester W. Grau é analista militar do Escritório de Estudos Militares Estrangeiros no Forte Leavenworth. Possui o título de Bacharel pela University of Texas em El Paso, o de Mestre pela Kent State University. Possui ainda o Curso de Comando e Estado-Maior do Exército dos EUA (ECEME/EUA). O Tenente-Coronel Grau já desempenhou várias funções de comando e estado-maior no território continental dos EUA, na Europa e no Vietnã.